



Democracia débil

► **A rejeição a Bolsonaro fez o apoio à ditadura cair, mas a satisfação com o regime democrático segue entre as piores da América Latina**

Bolsonaro faz muitos males à débil democracia brasileira. Seus ataques diários à Constituição e às instituições do Estado de Direito, sem que seja barrado ou punido, revelam o quanto a democracia é indefesa às investidas autoritárias. Mas, mesmo contra a sua vontade, ele termina fazendo um bem à democracia: na sociedade cresce o apoio ao regime democrático e cai a simpatia à ditadura em consequência da sua rejeição.

A última pesquisa Datafolha sobre o assunto mostra que 75% preferem a democracia e apenas 10% querem a ditadura. Mas não há muito que comemorar. Pesquisas de institutos conceituados, a exemplo do Latinobarometro, mostram o Brasil entre as últimas posições na América Latina acerca da satisfação com a democracia. O fato é que, no Brasil, existe uma consciência difusa e confusa sobre o tema. O período da redemocratização não foi capaz de consolidar uma cultura e valores democráticos.

A eleição de Bolsonaro, um político que em 2018 era conhecido por defender ditaduras e ditadores, a tortura e fuzilamentos, é uma prova contundente da fraqueza da consciência democrática, do alto a baixo da estrutura social do País – das elites abastadas às periferias. O persistente apoio que parcelas importantes das elites emprestam a Bolsonaro

reforça o desprezo que elas nutrem pela democracia.

Os democratas e a esquerda progressista nutriram uma grande ilusão acerca da consolidação da democracia. Julgavam que a experiência dos governos petistas era a prova cabal da existência de uma democracia consolidada. Mas a queda de Dilma por um golpe, as ilegalidades da Lava Jato, o desmanche de direitos promovido pelo governo Temer e o advento do governo de extrema-direita de Bolsonaro desfizeram as ilusões no pedregoso e espinhento caminho da precária realidade da nossa democracia.

É preciso aprender de uma vez por todas que a democracia nunca é uma obra acabada. É sempre um processo que precisa ser feito e refeito, pois as ondas autoritárias estão sempre ali, prontas a esmagar as conquistas democráticas contra os rochedos dos retrocessos. O próprio risco que correu e corre a democracia norte-americana é prova disso.

A debilidade da democracia brasileira conta com o concurso dos democratas e das esquerdas, principalmente do PT, que ficou por 15 anos no governo. Não se pode culpar o povo pela fraqueza da cultura e de valores democráticos. Os principais responsáveis pela disseminação de cultura e valores são os grupos dirigentes.

Os partidos democráticos e progressistas pouco se esmeraram em produzir avanços democráticos no Congresso: não lutaram por uma lei de defesa do Estado Democrático de Direito, não disciplinaram a participação dos militares na política e em cargos de governo, pouco ou nada fizeram para mudar as matrizes curriculares das polícias militares e das próprias Forças Armadas.

No próprio enfrentamento às heranças da ditadura ocorreram falhas. Na Argentina e no Chile houve o fortalecimento da cultura democrática e da defesa dos Direitos Humanos com iniciativas, espaços de memória às vítimas, monumentos, museus e eventos foram e são recorrentes. No Brasil, preferiu-se o esquecimento, a condescendência e até o convívio com indivíduos e elementos culturais egressos da ditadura.

Ex-ministros dos governos petistas reconhecem que um dos principais erros desses governos consistiu na crença de que bastava promover programas sociais para consolidar uma hegemonia política em relação aos beneficiários. Ledo engano. Muitos beneficiários dos programas petistas se tornaram antipetistas. Outros acreditaram que sua ascensão social e econômica deveu-se a méritos individuais.

Ao que parece, os democratas e as esquerdas vêm adotando uma visão parcial do que seja a disputa de hegemonia. Compreendem-na mais no plano material, dos interesses, dos direitos e das políticas públicas e menos no plano da cultura e dos valores. Antonio Gramsci, partindo de Hegel, entendia que ela importava na disputa de direção e sentido nos dois planos: no plano material e no plano ético-moral – da cultura e dos valores.

Pensar a hegemonia apenas no plano material significa cair no velho economismo, que é uma forma de reformismo tacaño e atrasado, subordinada, no caso do Brasil, ao capitalismo predatório e autoritário. O economicismo de esquerda só tem sucesso nos momentos de crescimento econômico. Nos momentos de crise, o seu destino é a derrota, pois não terá a força persuadida e organizada capaz de manter as conquistas e ampliá-las. •

alfornazieri@gmail.com